

## Catarse, narcisismo e cultura de massa<sup>1</sup>

Verlaine Freitas

As obras de arte têm uma característica que faz surgir disputas infundáveis a seu respeito: elas sempre possuem diversas camadas de significações, não podem ser compreendidas de uma maneira, por assim dizer, pura, exclusivamente artística. Tais disputas dizem respeito a um sentimento que toma conta de todas as pessoas, quanto mais elas se dedicam a estudar o fenômeno da arte, que é o fato de ela pretender uma certa autonomia, isto é, uma independência em relação à sociedade como um todo, a fim de ser julgada, não pelo fato de ser politicamente correta, moralmente aprovável, etc., mas, sim, por suas qualidades formais e de conteúdo que advêm dessas últimas. Apesar dessa aspiração, vê-se que cada obra está sempre mesclada, em diversas intensidades, a elementos morais, políticos, religiosos, científicos, etc. Há, na história, vários casos exemplares dessa tensão do âmbito propriamente artístico com outros, como o aspecto da busca de um conhecimento científico através da pintura, por Leonardo da Vinci, a apologia de um sistema político-econômico no realismo socialista, e o efeito ético-político da tragédia grega visto por Aristóteles. Quero, aqui, deter-me nesse último exemplo, para mostrar como a concepção aristotélica da tragédia pode ser usada para esclarecer a natureza de um fenômeno que não mais pretende alcançar a autonomia da arte, ou seja, a cultura de massa.

Segundo Aristóteles, a tragédia é uma realização teatral que contém diversos elementos formais, como uma narrativa, coro, personagens principais, etc., mas cuja característica mais peculiar, o efeito trágico propriamente dito, reside no fato de o personagem principal, enfrentando ao longo da história uma reviravolta inesperada de sua trajetória — cumprindo, muitas vezes, um destino inexorável do qual tentava escapar —, produz no espectador os sentimentos de piedade e de terror, quer dizer, de compaixão pela dor que o herói sofre e de horror pelo flagelo a que ele está sujeito. Uma vez despertadas essas emoções, haveria uma *catarse* delas. Essa palavra tem um uso médico específico, que é a de evacuação por qualquer via, e, atualmente, psicológico, ligado à recordação, até então reprimida, de um fato com forte apelo emocional. Em ambos os casos, trata-se de um alívio originado pelo fato de que alguma coisa — emocional ou física — sofreu uma descarga, obteve um fluxo livre, eliminando uma tensão incômoda ou até mesmo insuportável.

Apesar de caracterizar formalmente a tragédia a partir de seus elementos constituintes, Aristóteles, ao determinar a dimensão trágica propriamente dita, faz apelo a um efeito extra-artístico no público. A obra em questão fica definida pelo modo como os espectadores reagem a ela. Essa reação tem nitidamente a dimensão moral e política, de fazer com que as pessoas alcancem uma estabilidade própria de cidadãos que se relacionam na cidade e que participam de diversos embates políticos. A tragédia acaba sendo avaliada, nesse ponto de vista, como um meio de alcançar um certo controle político.

Embora essa idéia coloque diversos problemas frente às tentativas de conceber a arte como uma produção cultural com relativa autonomia, ela nos permite analisar muito bem um fenômeno muito distante do tempo das tragédias gregas, que é a cultura de massa.

Ouçã-se um quarteto de cordas de Beethoven; depois, algum sucesso da Madonna. Aparte as diferenças de instrumentos e da extensão, algo os distingue fundamentalmente: o primeiro foi feito para valer como uma obra culturalmente elevada, exigindo do espectador uma concentração e uma sobriedade tal, que é necessário travar um diálogo vivo com a obra para que ela seja entendida, o que significa gostar dela pelo que

---

<sup>1</sup> Texto publicado no jornal Estado de Minas, edição do dia 14/04/2001, Caderno Pensar, p.1.

a faz ser uma obra de arte; o segundo é algo concebido para render dinheiro, como uma mercadoria, da qual se pretende obter aceitação dos usuários. Estes não se situam, entretanto, em uma classe específica, nem precisam ter uma determinada formação ou estar concentrados para compreender o sentido da obra em questão. O público-alvo dessas obras é o que se caracteriza como massa: uma quantidade indefinida e cada vez maior de pessoas. Trata-se de uma indústria cultural, de uma fabricação em série de produtos consumidos de modo a provir um prazer que não se liga diretamente à sobrevivência ou à melhoria das condições materiais de vida, mas, sim, ao divertimento, à distração, ao lazer.

Depois de um dia ou de uma semana de trabalho na fábrica, no transporte ou no escritório, o que se quer? “Não fazer esforço, descansar, relaxar” — é o que normalmente se ouve. A vida cotidiana coloca-nos tantas situações de fadiga, de esgotamento físico e emocional, que a primeira coisa que desejamos ao nos livrarmos da premência do trabalho é não termos que raciocinar sobre nada, esquecer as preocupações. Mas parece que é preciso recuperar algo que não se restringe apenas às nossas energias ou a nosso tempo dispendidos durante o trabalho: a impressão é que nós próprios nos perdemos nas jornadas extenuantes de serviço diário. No lazer, gostaríamos de ter de volta uma certa inteireza de nosso ser, de nossa identidade, que pareceu diminuída pela premência do trabalho repetitivo, muitas vezes monótono, sem espaço para expressão de nossos desejos e de nossa individualidade. — É precisamente a esse estado mental que a cultura de massa procura satisfazer com seus produtos meticulosamente planejados.

É preciso dizer que a distração e o lazer, em si mesmos, não têm nada de ruim, nem de condenável. O desejo de produzir associações livres de idéias e de sentimentos não caracteriza, por si só, uma carência que faz o ser humano menor. O impulso lúdico, de jogo, de deixar-se atrair por um empreendimento descolado da seriedade da vida já existe claramente até nos animais, como nos cachorrinhos que se comprazem em buscar objetos e brincar um com o outro. O problema que se pode detectar no lazer pretendido pelos consumidores da indústria cultural é que essa distração está mesclada a uma finalidade específica: resgatar um sentimento de identidade integral perdido durante a vida esforçada no cotidiano.

Esse resgate se liga a um sentimento infantil de que fala a psicanálise: o narcisismo, ou seja, o amor a si próprio. Segundo Freud, há uma etapa em nossa vida, na primeira infância, em que toda a nossa energia pulsional está dirigida para o próprio Eu. Somente em um outro momento é que essa energia vai se voltar também para algo exterior. A criança experimental, inicialmente, um narcisismo, em que todo o prazer estaria vinculado a ela mesma, como se tudo na realidade confluísse para engrandecimento e satisfação do Eu. Não se trataria apenas de um auto-erotismo, em que os impulsos sexuais se voltariam para o próprio corpo, pois, para haver narcisismo, é necessário que a energia pulsional da criança dirija-se para o Eu como totalidade, que leva tempo para se formar. Pode haver, por exemplo, auto-erotismo quando não havia ainda um desenvolvimento do Eu, de modo a se poder falar de auto-satisfações sexuais não-narcisistas. O narcisismo é caracterizado pelo fato de que as nossas ações não apenas confluem para nos proporcionar prazer, mas, sim, para satisfazer uma certa necessidade de engrandecimento do Eu, de restabelecimento daquela sua onipotência em um estágio da vida infantil. Essa grandiosidade egocêntrica é quebrada em vários momentos ao longo de nossa vida e de diversas formas. Ora, não é necessário nem raciocinar muito para ver que o trabalho árduo, sem criatividade, monótono, pouco recompensador da vida moderna é um elemento altamente corrosivo do amor-próprio.

A cultura de massa fornece um prazer gerado por uma determinada catarse de sentimentos reprimidos, vinculado à satisfação narcisista de integrar-se em um meio lúdico, despreocupado, que ressoa a mesma liberdade total existente em uma etapa

da vida em que toda a energia pulsional era canalizada para nós próprios. Trata-se de um processo de interação, de estabelecimento de vínculos imediatos entre o espectador e a obra. Da mesma maneira que muito do desdobramento da vida contribuiu para romper, para quebrar, a unidade que se experimentava na época do narcisismo infantil, qualquer esforço para pensar, para decifrar algum enigma nas obras destinadas ao lazer parece colocar um obstáculo à busca de uma integração plena do Eu. Um dos vários elementos narcisistas presentes na cultura de massa é a satisfação proporcionada por fazer parte da coletividade, que pode ser universal, da espécie humana, ou de uma comunidade, de um grupo. Muito da satisfação proporcionada pelo rock'n'roll, por exemplo, reside precisamente no prazer de se ligar a várias pessoas que compartilham da idéia de rebeldia, de juventude, de ruptura de padrões morais, etc. Um show de um conjunto de rock é claramente um momento de catarse, de descarga de emoções, que faz com que toda a tensão individual naquelas pessoas seja aliviada precisamente pelo fato de experimentarem uma comunhão imediata umas com as outras através do vínculo com a música e com a figura do artista. Experimenta-se a satisfação de engrandecimento do próprio Eu, na medida em que a pequenez a que se está sujeito no trabalho árduo cede lugar a um jogo ficcional de integração imediata, sem esforço, a várias outras pessoas.

Se a catarse em Aristóteles possuía uma conotação moral e política, isso significava um aperfeiçoamento moral para a vida na cidade, com seus conflitos de interesses e de opiniões; na indústria cultural, ela relaciona-se propriamente ao sentimento individual, egocêntrico, de pessoas que não interagem através de mediações políticas, éticas, cognitivas, etc., mas, sim, pela satisfação da idéia de pertencerem ao mesmo universo simbólico de várias outras. Se a obra de arte séria esforça-se por alcançar uma relativa autonomia em relação à sociedade, colocando-se como um enigma a ser desvendado, a cultura de massa entrega-se abertamente à intenção de existir em função de seus consumidores, vendendo-lhes a satisfação narcisista e fictícia de retomada da identidade do Eu através de um complexo catártico de emoções reprimidas pela vida cotidiana.